

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

António Gaspar

registada em 2008-09-16
por

Jenny Campos e Joana Ribeiro

António Gaspar

António Santos Gaspar nasceu a 4 de Fevereiro de 1923, no Piódão. Os pais chamavam-se Abel Lopes Gaspar e Maria de Jesus. “Trabalhavam no campo, eram agricultores.” Foi na agricultura que António começou a vida, trabalhou no campo até à volta dos 18, 19 anos. Teve dois irmãos. António andou na escola, onde aprendeu “a ler e escrever e pouco mais”, “umas contazitas e tal”. Mas deixou de ir à escola, porque não era obrigatória. Trabalhou no campo, “com uma enxada a cavar a terra e a guardar cabras”. Foi para as Minas da Panasqueira, de onde saiu para ir para a tropa. Depois foi em Lisboa que arranjou emprego, primeiro “a tirar entulho e a carregar camionetas de entulho para sobreviver”, mas depois foi trabalhar numa casa de móveis e colchoaria, durante 40 anos. Aprendeu o ofício de colchoeiro. O namoro com a esposa “foi muito engraçado”, conheceram-se a trabalhar para os patrões, e daí surgiu o namoro. Depois de um ano de namoro casaram na igreja, em 1943. António faleceu no passado ano de 2009.

Índice

Identificação António Santos Gaspar.....	4
Ascendência Os pais.....	4
Infância A infância.....	4
Casa A casa dos pais.....	5
Educação "Aprendi a ler e escrever e pouco mais!".....	5
Religião A catequese.....	6
Namoro "Namorámos para aí um ano".....	6
Casamento O casamento.....	6
Descendência "Já temos duas bisnetas, cinco netos e duas filhas".....	7
Percurso profissional O trabalho.....	9
Costumes Antigamente.....	11
Lugar "Gosto da minha aldeia".....	12
Sonhos "Tive tantos sonhos e não fiz nenhum!".....	17
Avaliação "Uma boa ideia".....	17

Identificação *António Santos Gaspar*

O meu nome completo é António Santos Gaspar. Nasci a 4 de Fevereiro de 1923, no Piódão.

Ascendência *Os pais*

Os meus pais chamavam-se Abel Lopes Gaspar e Maria de Jesus. Eram os dois do Piódão. Trabalhavam no campo, eram agricultores. Nesse tempo, era tudo cultivado com milho e batatas. Era o que a gente fazia cá. Eu comecei a vida assim também. Até à volta dos 18, 19 anos era a trabalhar no campo. Geralmente as terras eram nossas.

Tenho dois irmãos, um está em Lisboa, o outro está no Piódão. Dávamo-nos mais ou menos. Um deles faleceu só tinha 60 anos! Eu tenho mais dois anos do que o mais velho e dávamo-nos bem! O outro que morreu era mais novo. Desse tenho 21 anos a mais.

Infância *A infância*

Brincávamos uns com os outros, na rua. As raparigas era com um bocadinho de trapo, punha-se uma coisa qualquer dentro para dizer que era uma boneca. A gente agarrava aí uma pinha de um pinheiro, atava-lhe uma cordita e era o burro. Os piões tinham que se fazer. Um bocado de um sabugueiro, metia um prego e lá fazia aquilo.

Criou-se cá muita gente. Mas não havia cá onde os pôr. Cada um tinha que os guardar. Quando éramos miúdos, às vezes com 5, 6 anos, a gente trabalhava, andava para aí, encostado às paredes de qualquer maneira, tudo cheio de terra. Parece mentira mas era assim.

"Eu distinguia as cabras"

Tínhamos animais. Ainda andei a guardar umas cabritas, nesse tempo que eu fui criado. Depois, mais tarde, acabaram. Todos tinham uma cabrada, quer dizer, tinham para aí 20 ou 30 cada um. Eu andei a guardá-las pelas serras. Chamam a Pedra Redonda à parte alta que a gente chama o Cabeço do Barreiro.

Saíamos de casa deitavam-se os animais, as cabras. Deitavam-se às dez horas por aqueles campos, levava-se um bocadito de broa ou de queijeiro e ordenhavam-se. Parece uma história, mas é verdade.

De manhã mugia as cabras todas, menos uma. A gente andava no campo, levava uma latinha às costas, daquelas latinhas de litro mais ou menos. Mugia a cabra para lá, metia um bocadinho de broa lá para dentro e comia aquilo.

Eu distinguia as cabras. Até tínhamos uma coisa, juntávamo-nos três ou quatro pastores, tudo à volta dos 12, 13, 14 anos, e à noite cada um sabia das suas. A gente conhecia-as. Até as próprias cabras entravam cada uma para a sua coisa, chamava-se um curral ou uma loja.

Casa A casa dos pais

A casa onde vivia com os meus pais era uma casita baixinha, ao pé da minha prima Laurinda. Dormíamos lá, eu e mais os meus irmãos. Era uma espécie de um palheiro. Tínhamos uma casa onde dormiam os meus pais. Era só a salita e a cozinha. Casas de banho não havia. Água também não. Só nos chafarizes.

Educação "Aprendi a ler e escrever e pouco mais!"

No princípio andei na escola. Aprendi a ler e escrever e pouco mais. Umaz contazitas e tal.

A escola era ao pé da igreja. Naquele tempo havia aqui muita neve, hoje já não se vê. Ainda, aqui há uns anos, eu e a minha mulher tivemos que andar com uma enxada a tirar neve. Mas naquele tempo, às vezes, estava aqui neve três e quatro dias. Então, as professoras vinham para o Piódão na altura da escola, pelo mês de Setembro. Começava a nevar e elas iam para as terras delas. Iam-se embora, nunca mais cá apareciam! As professoras não eram daqui, eram do Porto, de Coimbra... Já não tenho ideia como se chamava a minha professora. Tive mais que uma.

A maior parte das pessoas do meu tempo não sabem ler e escrever. Fomos alguns cinco ou seis para o mesmo sítio para a tropa e o único quase que sabia ler era eu! Não íamos fazer exames nenhuns, não havia diploma nenhum. Quando fui para a tropa, fomos dar o nome e aquelas coisas todas, ela perguntou quem sabia ler, quem sabia escrever... Ainda tenho lá na carteira militar: ler e escrever mal.

Deixei de ir à escola, porque não era obrigatória. Mas a minha mãe gostava muito que a gente fosse. O meu irmão ainda tirou a quarta classe. Naquele tempo

já era bom. O mais novo também. Iam a Arganil fazer o exame, mas no meu tempo não se fazia exames nenhuns.

Geralmente as raparigas não sabem ler nem escrever!

Religião *A catequese*

A catequese era obrigatório. Andavam os padres pelas casas para a gente ir à doutrina. Era dentro da igreja, na sacristia. Lembro-me de muitas coisas que aprendi. Quando posso vou à missa. Gosto de ir. Até tenho alguns padres, que foram daqui, bastantes amigos. Em Lisboa, aqui há uns anos, estive lá um que até fizemos um almoço e um jogo de futebol. Ele é da Comissão de Melhoramentos. Nessa altura eu era o guarda-redes, nunca me esqueceu, ele jogou e marcou até um golo! No campo do Atlético da Tapadinha. Era um padre cómico. E a gente fazia aquelas coisas. É o padre Ramos Mendes, é professor agora. Deixou a missa e é professor. Ainda aqui há tempos estive no Piódão. Até perguntou por mim. Fui lá ter com ele. Tem já uma filha, uma senhora, mais ou menos com 29 anos. Conheci pelo menos uns quatro padres que deixaram. Um que era de Anceriz também já não é padre, é professor também, professor Manuel Fernandes. Outro era de uma terra chamada Pai das Donas, que é aqui ao pé. Também deixou a missa. Era uns três ou quatro. Há aí um outro padre que era aqui de Lagares da Beira também deixou a missa. Eram todos casados, acho eu.

Namoro "*Namorámos para aí um ano*"

O namoro com a minha esposa foi muito engraçado. Fui trabalhar para a casa dos móveis e ela foi trabalhar também para a mesma casa, como criada dos patrões, e foi daí o namoro. Eu era empregado na casa dos móveis e o meu patrão morava ao lado, numa rua mais acima. Por exemplo, a casa era do 41 ao 47 e ela morava no 90 e tal! E foi daí. Começámo-nos a conhecer e pronto. Namorámos para aí um ano, pouco mais. Ela não tinha pai nessa altura. Não pedi nada a ninguém. A mãe não estava em casa, estava no Alentejo. Mas naquele tempo os casamentos não eram como agora. Foi casar, ir à igreja e mais nada! Levámos só os padrinhos.

Casamento *O casamento*

Casei em 1943. Ia vestido com um fato todo bonito, azul escuro, pago a prestações. A minha esposa ia bonita, com um fato. Comi frango nesse dia. Não havia dinheiro e eu não me queria meter em despesas.

Descendência "*Já temos duas bisnetas, cinco netos e duas filhas*"



Maria de Lurdes, filha mais velha de António dos Santos Gaspar



Elvira e Nicole, filha e neta de António dos Santos Gaspar

Já temos duas bisnetas, cinco netos e duas filhas. A mais velha, Maria de Lurdes, já tem 55 e a outra é a Elvira, tem 45. Uma está em Lisboa, em Queluz e a outra está na Lourinhã. Tem um estabelecimento. Essa mais velha já tem uma neta, é a minha bisneta, já com 4 anos, vai fazer 5. Elas vêm pouco ao Piódão, gostam é de ir para o Algarve. A minha neta mais velha já tem 34 anos. O marido dela é engenheiro agrónomo e gosta muito de cá vir. A minha neta mais nova tem 17 anos, o neto tem 26 e tenho outras netas. Uma vai fazer 27 e outra 34. Essa mais nova está bem também, tirou o curso de gestora de empresas.



Paula, Nicole Ana e Miguel Ângelo, netos de António dos Santos Gaspar

Percurso profissional *O trabalho*

A primeira coisa que fiz foi andar aí no campo, com uma enxada a cavar a terra e a guardar cabras. Eu comecei a trabalhar e a ir guardar cabras aí à volta dos 6, 7 anos. Ia para a escola, mais ou menos nessa altura. A escola, é como eu digo, vinha cá a professora, estava um mês e ia-se embora, nunca mais cá aparecia! E às vezes nem vinham para cá as professoras. Do meu tempo a maior parte das pessoas não sabem ler, nem escrever.

Trabalhava-se muito, não havia horários para ir trabalhar. A gente começava a trabalhar de manhã, às seis, até dar o sol, até ser de noite! No tempo das regas, em Agosto e Julho, era de noite e de dia! Por isso é que a gente fugia para qualquer lado. Tínhamos aqui as Minas da Panasqueira perto. No meu tempo foram para lá muitos. Alguns ainda saíram de Lisboa para ir para lá e iam outra vez embora. Depois aquilo também acabou. Estive lá em 1942 e 1943, já era o número 4284. E havia mais para cima. Havia muita gente ali, aquilo era uma autêntica cidade. Embora em casas pequeninas, dormíamos lá nuns quatinhos, dois numa cama. Eram umas tarimbas. Punha-se umas carquejas por baixo e uns cobertores por cima e dormíamos sempre naquilo. Aconteceu comigo.

Para casa a gente vinha de 15 em 15 dias porque, por exemplo, eu vinha domingo e sábado, tinha que pegar, por exemplo, na segunda-feira de manhã. As minas trabalhavam 24 horas. Eu trabalhava quase sempre das quatro à meia-

noite, da meia-noite às oito e das oito às quatro. E a gente trocávamos, por exemplo, eu ia pegar à tarde e ia às tantas horas, arranjava uma pessoa para ficar por mim ao princípio do trabalho e do dia seguinte.

Uma vez, por curiosidade, até deu uma história muito engraçada, eu cheguei a ficar no Piódão e um irmão meu foi-me lá levar o comer, para gastar menos. Havia aí batatas, umas couves e tal. Não gastava tanto dinheiro. Esse meu irmão foi lá e eu disse:

- "É pá vais trabalhar por minha conta hoje. Que eu hoje vou ficar à terra mais um tempo."

O meu irmão foi, diz logo o encarregado, por acaso era um gajo muito porreiro que era de uma terra chamada Casegas:

- "Então e o teu irmão?"

- "Ai eu venho por ele!"

- "É pá vai-te já embora, nem que eu pague ao teu irmão..."

Morreu lá muita gente com aquelas pedras.

- "Se há qualquer coisa antes quero pagar o dia ao teu irmão do que vires trabalhar!"

Chegou à conclusão que não podia ficar.

Nas Minas da Panasqueira trabalhava lá dentro. Aquilo era volfrâmio. Era uma companhia inglesa Beralt Tin e Wolfram Lda.. Andava lá a cavar com martelos, a trabalhar madeiras lá dentro e apanhava o volfrâmio. Pessoas do Piódão estávamos perto de 20. Depois foi cada um para seu lado, aquilo acabou. Era aquele ordenado, fazia oito dias trazia oito dias, fazia 20 trazia 20 dias. Nessa altura recebia 13 escudos e 600 centavos, em 1943. Era o ordenado por dia. Trabalhava oito horas. Era muito trabalhoso. Íamos a pé. Não havia transporte. Não havia carros.

Quando estive em Lisboa

As pessoas iam para Lisboa e para o Sul também. Eu trabalhava nas Minas, saí para ir para a tropa e já não queriam mais gente. Fui para a tropa, depois vim para o Piódão. Estive aqui cerca de um mês e fui para Lisboa à minha vida. Arranjei emprego, fui ao "Deus dará" com um primo meu, que é irmão da minha prima Laurinda. Fui com ele em Abril, cheguei, meteram-me numa cave a tirar entulho e a carregar camionetas de entulho para sobreviver. Depois, mais tarde, arranjei um emprego numa casa de móveis e colchoaria. Aprendi o ofício de colchoeiro e lá estive 40 anos. Gostava do que fazia, por acaso gostava. Ao princípio custou-me bastante, ter que aprender como é que se usava a máquina, aprender a cortar à máquina, cortar os colchões, medi-los, fazer aqueles clientes

à medida... Era uma casa de bastante dinheiro. Era de colchoaria e tínhamos casa de móveis também. A casa era António Leite de Oliveira, Lda.. Ficava na Madragoa, Rua da Esperança, número 43.

Costumes *Antigamente...*

A matança do porco

Às vezes iam-se buscar os porcos às costas. Criavam-se e matavam-se. Quando era assim no tempo do Natal, chamava-se o pessoal, duas ou três pessoas. Havia uns bancos compridos, aí matavam-se. Depois preparava-se. Ia-se buscar sal, às costas, a 11 quilómetros. Salgado dá para todo o ano.

Na matança do porco havia trabalho para homens e para mulheres. As tripas dos animais eram lavadas na ribeira. Depois faziam-se os enchidos daquelas carnes. O chouriço é feito da própria carne do porco. Uma mais cara e a outra é aquela que até moíam um bocadinho, para aquelas farinheiras. Elas picavam e depois deitava-se tudo. Era assim a vida, naquele tempo.

O queijo

Fazia-se o queijo. Isto era uma terra que pouco se vendia, vinham às vezes comprar uns queijitos mas era pouco. Ao mais era para casa. A minha mãe fazia queijo e por isso a gente tinha um queijinho todos os dias. O queijo levava uma espécie de coalho, de um cardo. Naquele tempo havia um coalho que era quando se abre um cabrito. Deitava-se aquele coalhozito, metia-se lá leite dentro, secava-se e aquilo ficava a levedar ou quê. A minha mãe é que sabia fazer aquilo. Depois punha-se um bocadinho de leite, ele coalhava e faziam o queijo. Depois, ficava aquele leite do queijo, aquele soro.

Roupa e calçado

A roupa sabe Deus como era. Era descalços a maior parte das vezes! As primeiras botas que comprei foi quando fui trabalhar para a Panasqueira, já tinha 20 e tal anos. Eram uns tamanquitos com umas brochazinhas por baixo. Há aqui umas terras que é Fórnea, o Tojo e a Malhada Chã, as pessoas vinham ao Piódão descalças, traziam os sapatos num sacozito, ou numa coisa qualquer. Chegavam

aqui ao pé da igreja, calçavam os sapatos, quando saíam tornavam a tirar e iam descalços para a terra deles. É verdade, era assim! Não é história, é a verdade.

Lugar "*Gosto da minha aldeia*"

O milho, os fornos e o pão

O milho era apanhado naqueles campos, depois era cortado. No fim, tirava-se as espigas e vinha aquilo em sacas às costas. Sacas que a gente carregava, com 40 quilos ou mais. Depois as espigas eram malhadas, com umas estacas. A gente chamava malhar o milho. Depois era seco naqueles estendais ao meio do monte, que nessa altura estavam todos cheios de milho. Secava e ao fim de seco, ia para os moinhos. O trabalho que aquilo não dava. Temos cá cerca de uma dúzia de moinhos. Há dois perto da ponte e havia mais dois na parte de cima do Piódão. Um era da minha avó. Toda a gente tinha moinho para moer. Quer dizer, quem tinha um moinho dispensava-o e não levava nada. Mas geralmente, a maior parte dos moinhos era de uma família, que moía lá o milho. Há aí moinhos que até eram de sete, oito e nove pessoas!

Tínhamos aqui um forno e havia mais uns três ou quatro fornos que eram dos próprios donos. Mas havia aqui um forno, ao pé da curva ao fundo onde diz "Foz d'Égua", "Chãs d'Égua", aquilo era um forno da povoação. Chegava-se à altura, aquilo escangalhava-se, calhava por exemplo 25 tostões, 5 tostões a cada pessoa para arranjar o forno. Os moinhos também se escangalhavam.

Depois de arrançados, coziavam logo. Começavam a cozer à segunda-feira e era até ao sábado, à meia-noite! Ao domingo ninguém fazia nada.

Era fácil para distinguir o pão uns dos outros. Por exemplo, éramos três. Um dava um belisco no próprio pão, outras era um buraco e outras era sem nada. Deitavam-se no forno. Era assim.

Fonte de namoros

A água já veio há uns 30 e tal anos, ou 40, não sei bem. Por acaso nós tínhamos duas fontes. Quando era no Verão, a água quase que secava, estava-se aí, às vezes, até às 11 horas da noite, à espera que se enchessem as vasilhas. E era nessa altura que se aproveitava para conversar, para se entreterem, para as brincadeiras com as raparigas que iam para a fonte. Era mais ou menos aí que começavam os namoros, que se conheciam uns aos outros.

As casas no Piódão

O Piódão era tudo "abarracado" inicialmente. Tudo casinhas baixinhas. Já tudo levou uma remodelação. Cada um ajeitou. Não havia uma casa de banho, não havia nada. Naquele tempo havia muita gente! Quando eu fui criado aqui, havia talvez mais do dobro que há agora. Agora está tudo para fora. Há muitas casas que só vêm passar o tempo das férias. Mais estão tudo para Lisboa. E também temos alguns no Porto. As casas no Piódão, antigamente, era quase tudo com telha. Mas obrigaram a por tudo com laje, como é a minha. Então eles não deixavam pôr nada de encarnado, nada! Era tudo com azul. Não sei porque era azul, talvez fosse para ficarem todas iguais. Com portas cinzentas ou azuis e as janelas todas mais ou menos da mesma cor. Por dentro pode fazer o que a gente quer, por fora é tudo em pedra. Como os muros, por exemplo, nada pintado. Acho que é uma aldeia histórica.

As levadas de água

As levadas de água servem para regar os milhos. Há uma que até vem de longe, para aí 2 quilómetros lá de cima, dessas serras.

Cada um tem o seu dia para regar. Eu até tenho umas oliveiras e umas coisas e tenho aquelas horas para regar. Por exemplo, da meia-noite até às dez da manhã, ou até meio do outro dia. De noite também se regava. Mas naquele tempo não se via cá céu, não se via nada. Era tudo às escuras. Era com umas lanternas, para tapar a água e só se via aquela luzita, parecia que eram as bruxas com aquelas lanterninhas por aí abaixo. As candeias funcionavam a azeite.

Ia regar com o meu pai. Íamos lá de noite regar. Pegava-se à meia-noite e era até ao outro dia. Chegava à altura, por exemplo, era meio-dia, a pessoa que era essa a hora dela ia e cortava para a terra dela. Cada um tem o seu dia, as suas horas. Ainda hoje é a mesma coisa. Há aqui uns que ainda regam, aqui no povo, mas têm as horas deles. Se não fosse assim havia aí tipos que apanhavam a água e andavam todo o dia com ela, nunca mais a largavam.

A saúde

Vinha um médico de Avô. Estava cá um senhor que percebia qualquer coisa de medicina. Nesse tempo, era chás, mas caseiros, daqueles chás de erva cidreira,

de sabugueiro, sei lá mais quê. Umhas ervas. Fazia-se aquele chá e matava-se uma galinha e pronto. Comia-se aquela canjazinha e mais nada.

Então quando se rachava a cabeça, havia esse senhor, chamava-se senhor Francisco, que era uma pessoa muito informada. Tinha livros do João Brandão. Realmente, era uma pessoa que até percebia muito daquilo. Foi ele e depois era um filho dele, que era o senhor Arnaldo. Também era uma pessoa que tinha aqueles livros e percebia qualquer coisa de medicina. Cheguei a ser tratado por ele várias vezes, quando era mais miúdo. Às vezes caíamos para aí. A minha mãe chegou a ter aí num pé uma coisa... Lancetavam aquilo e tal... Era o que sabia Deus, nessa altura. Mas havia mesmo o próprio médico, de Avô. Muitas vezes o que ele dizia era:

- "O senhor Francisco, fez isto e aquilo, sim senhor!"

O que ele dizia estava tudo bem. Embora não fosse médico, mas era uma pessoa que percebia disso. Era o que valia cá. Agora vem cá o médico.

Aconteceu com uma tia minha, foi daqui para Avô, chegou lá, o médico levou-a para Arganil, mas quando lá chegou morreu. Era muito difícil! Só quem conhece... Naquele tempo era muito sacrifício!

São Pedro

O santo do Piódão é o São Pedro, é o padroeiro. Todos os anos fazem a festa no dia de São Pedro, que é o dia 29 de Junho. A festa é conforme. Umhas vezes vem cá música. Toda a gente guarda esse dia. Era quando se matava, quem tinha, uma cabeça, uma cabra, um cabrito ou qualquer coisa.

O padre vai dizer a missa à capela de São Pedro. Antigamente havia procissão mas agora já não fazem. A procissão fazem é a da igreja. A Senhora da Conceição e assim.

Numa ocasião, éramos mais novos, miúdos, e lembro me de pensar:

- Hoje é dia da festa! É o dia de São Pedro!

Eu gostava mais da festa antigamente. Não sei, era diferente, ou porque éramos miúdos. Vinha aqui uma música de várias terras. Da Aldeia das Dez, de São Gião ou de Casegas. Nós éramos miúdos, eles vinham aqui ter a pé, íamos buscar os instrumentos e trazíamos aquilo às costas, o bombo e aquelas coisas mais pesadas. Nessa altura, davam cá a boda e então cada pessoa dava de comer a um músico. Por exemplo, eu chamava um músico, outro chamava outro. Depois corriam então as ruas todas. Andavam até à eira, no cimo, davam as voltas todas, a música a tocar. Era mais bonito que agora, mas sem dúvida! Até a comida em si era diferente.

A construção da Igreja já não é do meu tempo. Mas lembro-me de a arranjar. Já foi arranjada a parte de cima, há muitos anos. Até dizem que antigamente era lá o cemitério.

A solidariedade de antigamente

Nessa altura matava-se uma cabra fresca, um cabrito ou uma ovelha, qualquer coisa e todos tinham carne! Havia pessoas, naquela altura, que eram mais pobres. Chamavam essa pessoa, agarravam um bocado de carne e davam-lha. Hoje não fazem isso talvez. Agarravam e iam com um bocado de gado. Faziam mesmo aqueles bolitos no forno. Àquela pessoa que estava assim mais pobre íamos levar meia duzita de bolitos a casa. Toda a gente comia mais ou menos igual.

"A gente entretinha-se por aí"

Chegava-se à noite não havia luz e a gente entretinha-se por aí. Não tínhamos cá um coro, uma coisa de entreter. Não tínhamos nada. Íamos jogar às cartas, às vezes, os rapazes uns com os outros para qualquer lado. Juntávamos-nos às vezes aos domingos aí quatro ou cinco íamos aí para um palheiro jogar às cartas e mais nada. Ou íamos fazer umas paródias. Às vezes, um arranjava um chouricito ou outra coisa e fazíamos, chamava-se, uma tibornada. E era assim que a gente fazia. Eram as paródias que havia naquele tempo, pouco mais, ou nada.

O Natal e a Páscoa

A Páscoa e o Natal eram assim uns dias em que se faziam mais umas coisas diferentes, principalmente na comida, era diferente um bocadito. Às vezes um chouricinho assim melhor e tal. O compasso andava pelas casas. Dava a volta. O padre ainda hoje dá. Começa no cimo do povo e até ao fundo, dão a volta aos que cá estão. As pessoas têm as casas mais ou menos preparadas, trazem a cruz e beijam-na. Vem muita gente.

"Lendas conheço pouco"

Lendas conheço pouco. Aqui fala-se muito é no João Brandão. Era um homem que dizem tirava aos ricos para dar aos pobres. Não sei se era assim,

se não era, mas ouvíamos falar nisso. Chegava, por exemplo, a uma casa via os chouriços e dizia:

- "Quantos tens cá? Tens cá dez?"

Agarrava em dois e era para aquele que precisava. Diziam que era assim que fazia. Não sei se será assim, mas isso já não é nada do meu tempo. Já são lendas que a gente ouvia falar.

O Oliveirão, esse já não é do meu tempo. O Oliveirão era uma pessoa que dizem era um terrorista. Dizem que fazia mal às pessoas. Era um homem muito brutalizado. Falava-se muito disso, que era daqueles homens maus. Depois, em Chãs d'Égua mataram-no e enterraram-no num lado qualquer, debaixo de qualquer coisa. É o que a gente ouve falar.

Correio

O correio tinham que o vir buscar. Ia uma pessoa a pé buscá-lo a Pomares. A minha tia e depois mais as filhas é que iam buscar o correio lá todos os dias, só menos ao domingo e ao sábado parece-me. Ir e vir. Depois o correio entregavam-no todo numa caixa de correio que era de um senhor Arnaldo, o dono de uma merceariazita que havia nessa altura, e as pessoas iam lá buscar o correio. Não era distribuído, a gente tinha que ir buscar.

Os carreiros do Piódão

Agora o Piódão é melhor. Agora chego aqui, é diferente como o dia da noite. A minha esposa quando cá veio a primeira vez, ela é do Alentejo e não conhecia isto, já a minha filha mais velha tinha 1 ano. Chegámos a Vide, a 11 quilómetros, e era por uns carreiros. Quando a minha mulher começou a andar, com a menina ao colo, eu disse:

- "É já ali!"

E ela nunca mais cá chegava. Agora é melhor. A gente vem de carro e fica no largo. Vai daqui directamente para Lisboa.

"Eu gostava que o Piódão cada vez fosse melhor"

Eu gostava que o Piódão cada vez fosse melhor. Já não está mau. Já não podem dizer muito mal disto, mas ainda há muitas coisas aqui por fazer. A estrada, por exemplo, precisava de ser mais bem alcatroada. É uma coisa que faz cá bastante falta, porque vêm cá autocarros. Isso devia estar aí melhor. Na parte

de baixo da aldeia está uma casa também já há muitos anos e a Câmara nunca mais arranjou aquilo. Tem lá boas salas por dentro. Já têm feito casamentos.

Eu acho que as pessoas que vêm visitar o Piódão fazem bem à aldeia, aos estabelecimentos, tudo isso. Vendem muita coisa. Há aí restaurantes, naquele tempo não havia nada. Não havia cá estrada, não havia nada. Mas para as pessoas cá virem era preciso melhores condições. Acho que nos tempos em que estamos não é difícil fazer isto um bocadinho melhor. O mais está bom! Já é melhor vir cá agora do que era no meu tempo.

Gosto da minha aldeia. Nasci cá e gosto de cá estar!

Sonhos "*Tive tantos sonhos e não fiz nenhum!*"

Tive tantos sonhos e não fiz nenhum! Quando era novo, pensei arranjar a minha casa para vir para cá viver. Era uma barraquita, não tínhamos cá nada nessa altura.

Avaliação "*Uma boa ideia*"

Este projecto acho bem. Acho uma boa ideia! Os meus parabéns! Então, isto são coisas que se passaram. Tudo aquilo que eu disse foi tudo o que se passou. Agora só precisava era de viver mais uns tempitos.